Acervo ISA

Documentação
Fonte CB
Data 4/4/99 Pg 15
Class. 319

Cachaça, a poção maligna dos índios

Hospital de São Gabriel da Cachoeira (AM) registrou 3.197 atendimentos a indígenas em 1998, metade eram casos de alcoolismo

Lauro Rutkowski
Enviado Especial

São Gabriel da Cachoeira (AM) — O índio tukano Tiago passa dias sem comer. Às vezes dorme nas calçadas do centro da cidade em companhia dos amigos. Bem pertinho da alegre Mansão do Forró — o principal ponto de diversão das oito mil pessoas que habitam a área urbana deste que é o segundo maior município do Brasil em extensão territorial (é pouco maior que o estado de Pernambuco). Casado, pai de dois filhos cujos nomes tem dificuldades para lembrar, Tiago é professor leigo. Com alguma freqüência ensina as crianças pequenas das comunidades indígenas a identificar as primeiras letras.

E é alcoólatra, como muitos outros tukanos, baniwas, tarianas, ianomamis, desanas — índios que dominavam as florestas fechadas do Alto Rio Negro antes da chegada maciça do homem branco, no século XVIII, e que mesmo depois de duzentos anos de contato ainda constituem 90% da população deste pedaço do Brasil. "Não é sempre que fico assim", diz Tiago, com olhos semicerrados e ar sério. Suas palavras provocam risadas em três colegas de trago que tentavam, sem sucesso, tirar de suas mãos uma garrafa de caninha 61 (concorrente das cachaças 51 e 88). Era a segunda do dia — e o relógio marcava 10h da manhã. Tiago, de 31 anos, passa dias sem comer porque a bebida lhe tira a fome.

As conseqüências dessas bebedeiras são bem conhecidas na delegacia de polícia, no hospital, no fórum. Os casos mais graves viram assunto de conversa nas esquinas e nos 30 botequins espalhados pela cidade. Especialmente quando há vítimas fatais, como nos últimos dois meses, período em que três índios morreram afogados nas corredeiras de águas escuras que enfeitam a bela praia de São Gabriel. Todos estavam alcoolizados, sem condições sequer de andar, quanto mais de nadar.

Há duas semanas, um rapaz de 25 anos bebeu durante 48 horas, desmaiou e morreu intoxicado na aldeia de Camanaus, uma comunidade de 400 pessoas a 20 quilômetros de São Gabriel da Cachoeira. "Aqui é assim. Todo mês tem morte por causa da bebida. Não adianta nada a gente falar", lamenta o índio Argemiro Teles, agente de saúde da aldeia.

Diariamente, o xadrez da delegacia de São Gabriel abriga pelo menos seis pessoas que perderam as estribeiras por causa do álcool. De uma hora para outra começam a distribuir socos, pontapés e até facadas em mulheres, filhos, amigos. Um ou outro caso de estupro é registrado esporadicamente — um crime inexistente até dois anos atrás. Com uma peculiaridade: ou as vítimas ou os agressores estão alcoolizados. "Cerca de 70% das ocorrências em São Gabriel estão relacionadas com o abuso de álcool", afirma o delegado da cidade, o tenente PM Jorge Guimarães.

Os donos de bares, no entanto, já estão tomando providências preventivas. Alguns proíbem os compradores de cachaça até de sentar no estabelecimento. "Só vendo uma dose. Quem quer encher a cara não pode ficar aqui", diz Raimundo Santos de Holanda, dono do bar Bela Vista. Mesmo assim, não passa dia sem que pelo menos cinco garrafas de cachaça sejam vendidas em cada estabelecimento. Nos quatro maiores mercados da cidade, pelo menos 30 garrafas são vendidas diariamente em cada um deles.

> "A EMBRIAGUEZ É UM MAL ENORME, PORQUE DESTRÓI O ÍNDIO COMO INDIVÍDUO E COMO POVO"
> Dom Walter de Azevedo, bispo de São Gabriel

BEBEDEIRA

No Hospital de Guarnição de São Gabriel da Cachoeira (administrado pelo Exército), as conseqüências do consumo exagerado de cachaça também impressionam. "Aqui não há muita diversidade de casos: é bebedeira mais bebedeira. Se não é isso, é verminose ou tuberculose", resume o diretor da instituição, o tenente-coronel Demóstenes do Espírito Santo. Segundo ele, a bebida está envolvida em quase 90% dos casos de traumatismo (como quedas e atropelamentos de trânsito), afogamentos, desmaios e ferimentos resultantes de brigas.

Em 1998, o hospital registrou 3.197 atendimentos a indígenas (1.020 internações e 2.177 ocorrências de ambulatório). Pelo menos metade estava direta ou indiretamente vinculada a alcoolismo.

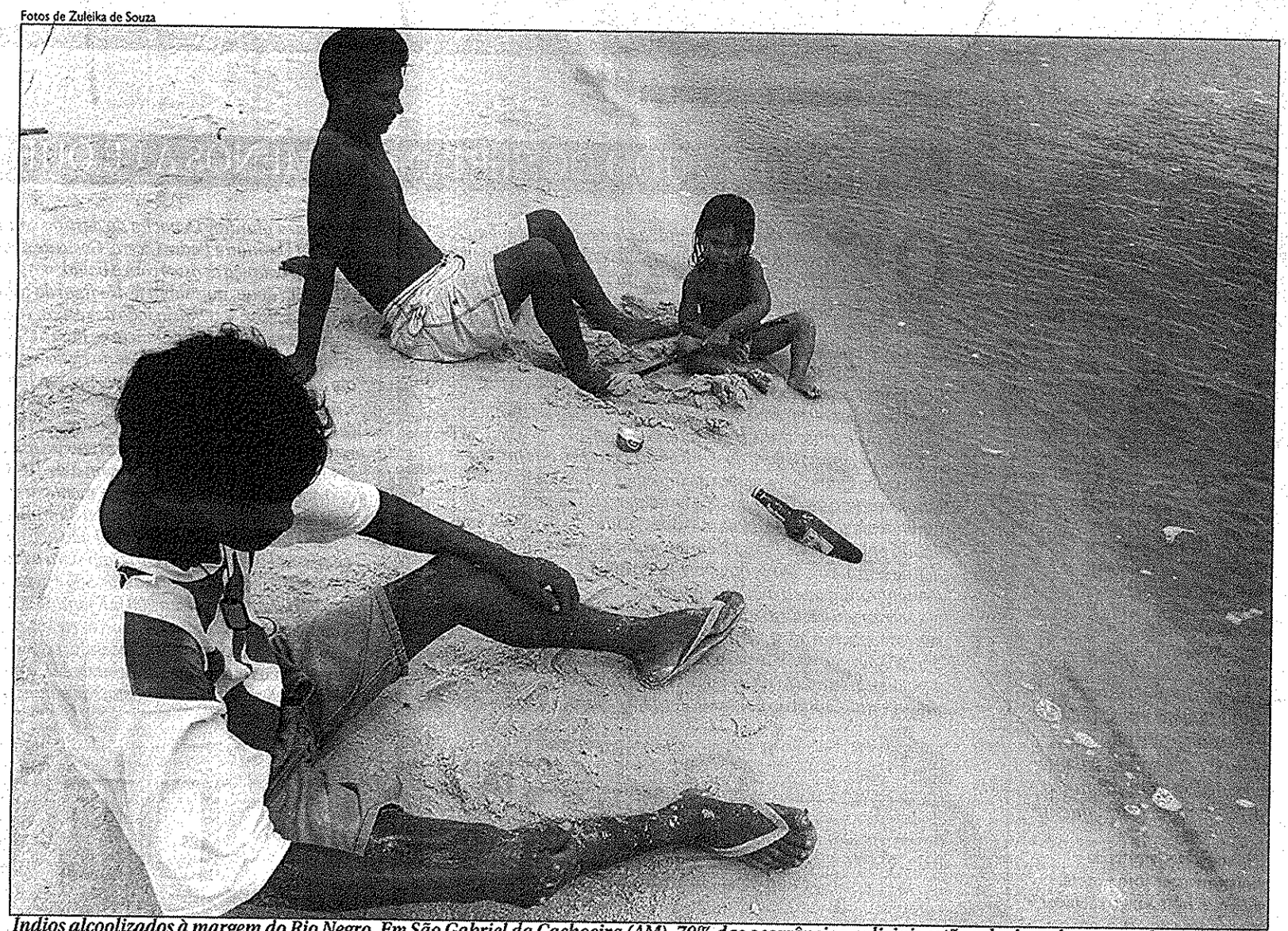
O juiz Renê Gomes da Silva Júnior também tem suas estatísticas sobre o impacto do álcool na comunidade. Ele tem em suas mãos seis casos de homicídio que pretende levar a júri popular até o final do ano — um número relativamente baixo ao se levar em consideração que sua área de jurisdição abrange um universo de 40 mil pessoas na cidade e na floresta. Só que destes seis casos somente um não está relacionado com bebida. "Não tenho receio em dizer que o maior problema de segurança e de saúde pública de São Gabriel da Cachoeira é o alcoolismo", analisa o juiz.

A mesma opinião é compartilhada por um morador bem mais antigo da cidade, dom Walter Ivan de Azevedo, bispo de São Gabriel há 13 anos. "A embriaguez é um mal enorme, porque destrói o índio como indivíduo e como povo", analisa o bispo. Dom Walter lembra que o consumo de bebidas alcoólicas entre indígenas é antigo — relatos de viajantes de outros séculos mencionam rituais em que homens e mulheres consumiam o *caxiri*, líquido fermentado a partir da mandioca.

Essa bebida tem um teor alcoólico parecido com o da cerveja e ainda é produzida hoje em dia, mas a facilidade em adquirir uma garrafa de cachaça — quatro vezes mais forte que o *caxiri* e a um preço médio de R$ 2,00 — está acabando com essa tradição. "Com a cachaça dos brancos, os índios abandonaram o *caxiri* e os seus rituais. Hoje, qualquer hora virou hora de beber", diz dom Walter.

■ O repórter Lauro Rutkowski viajou a convite da Comissão para Coordenação do Projeto Sivam (CCSivam)

Fotos de Zuleika de Souza



Índios alcoolizados à margem do Rio Negro. Em São Gabriel da Cachoeira (AM), 70% das ocorrências policiais estão relacionadas com o abuso de álcool

Bebida de branco matou o caxiri

O coordenador da equipe do Programa Rio Negro da organização não-governamental Instituto Socioambiental, o antropólogo Carlos Alberto Ricardo diz que a história da interação entre brancos e índios explica, em parte, por que a cachaça se proliferou tanto no Alto Rio Negro. Ele diz que, de fato, a tradição de consumir o *caxiri* é milenar, mas que a bebida somente era ingerida em um contexto específico e dentro de certos limites sociais. "Acontecia o que acontece hoje em uma festa qualquer, dessas que a gente vai. Se uma pessoa bêbada começa a ficar chata, os outros se afastam ou alguém a manda embora. Entre os índios também era assim com o *caxiri*", compara.

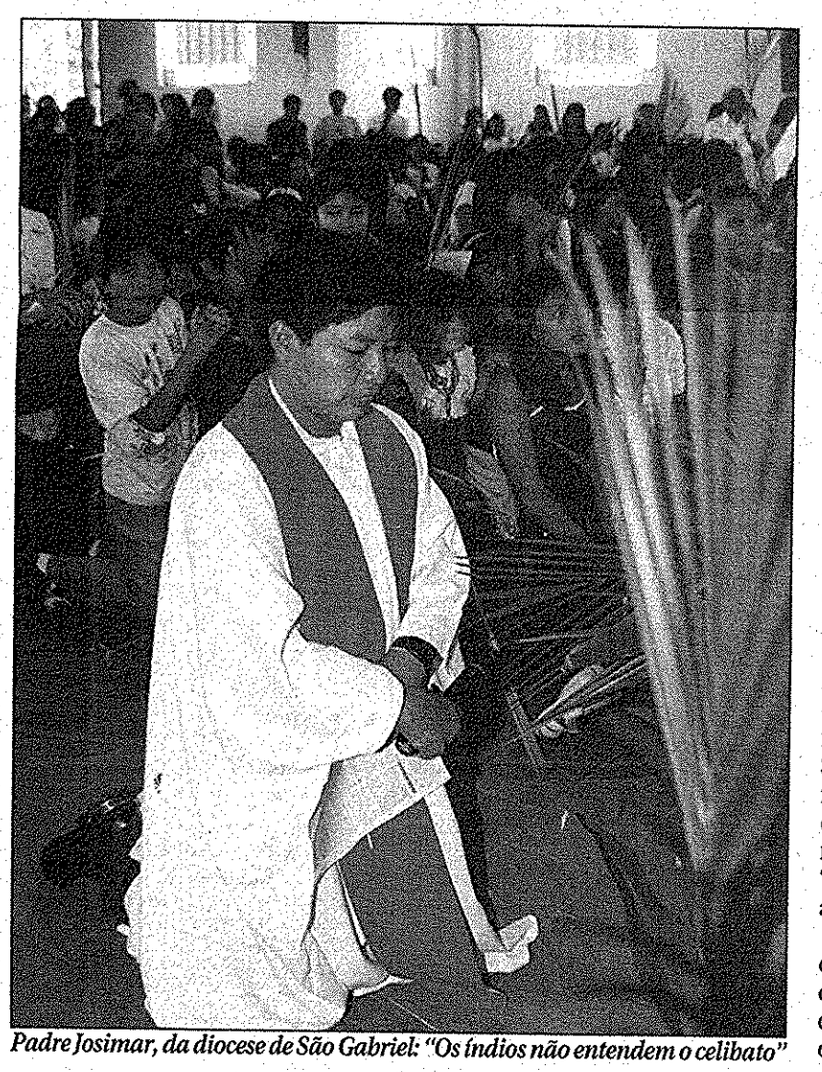
Com o passar do tempo — explica o antropólogo —, a crescente presença branca na região destruiu a associação entre bebida e ritual. "Os primeiros missionários católicos foram responsáveis por combater as crenças e rituais tradicionais para converter os índios. Os brancos que lidavam com comércio ajudaram a colocar mais e mais cachaça na região. Resultado: o controle social do rituais sumiu, a bebida do branco proliferou e o índio ficou no meio do caminho", analisa.

Com a experiência de quem estuda o Alto Rio Negro há dez anos, Carlos Alberto Ricardo acredita que o abuso da cachaça — e mais recentemente a inalação de cola de sapateiro — se transformou na válvula de escape de uma comunidade indígena urbana que está longe de ter as chances dos brancos. Ele dá como exemplo a dificuldade enfrentada pelos índios para serem aceitos nas Forças Armadas ou na Igreja Católica. "Eles até conseguem entrar, mas sabem que não vão conseguir subir em qualquer estrutura muito hierarquizada", diz.

A antropóloga Marta Azevedo, do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Campinas, estuda a comunidade há uma década e diz que a própria dificuldade de subsistência — ou seja, a dificuldade de se obter alimentos na região — contribui para sentimentos generalizados de frustração e impotência. "Os indígenas se sentem ainda mais inferiorizados na comparação com os brancos, que ascendem socialmente com mais facilidade", diz.

São Gabriel, a 900km de Manaus, tem solo ruim para a agricultura. Apesar de imenso, o rio que banha a região — o Negro — é carente de peixes. Para garantir a subsistência, os índios investem em lavouras em solos mais firmes, geralmente distantes dos locais de moradias. Há casos de roças cultivadas a quatro dias de caminhada da comunidade que as plantou. O dinheiro que circula da cidade vem do serviço público em especial das Forças Armadas, que têm cerca de dois mil homens na região.

Para sobreviver de serviços temporários, os indígenas deixam suas comunidades e acabam migrando para São Gabriel — mas não abandonam as roças tradicionais. Ou seja, transformam-se em moradores de um meio urbano com fortes características do meio rural. Nessas idas e vindas para cidade, travam contatos com índios e brancos — relembram velhos costumes e aprendem hábitos novos. Segundo dados do Instituto Sociambiental existem 732 povoações indígenas na região do Alto Rio Negro, reunindo cerca de 35 mil pessoas.



Padre Josimar, da diocese de São Gabriel: "Os índios não entendem o celibato"

Igreja procura padres indígenas

O abismo que separa brancos e índios está menor. A partir da década de 90, a Igreja Católica e o Exército começaram a admitir elementos indígenas em seus quadros de forma mais abrangente. As duas instituições seguiram uma só estratégia pelo mesmo motivo: trazer a comunidade para dentro de suas fileiras, antes ocupadas apenas por brancos. Com isso, pretendem fortalecer sua presença na região amazônica.

No caso dos católicos, a idéia é competir em melhores condições com as evangélicas — que formam pastores indígenas mais identificados com a comunidade do que qualquer branco. Há cinco religiosos índios no Brasil (quatro no Amazonas e um em Roraima). Um deles é o padre diocesano Josimar Marinho, que atua em São Gabriel e é admirado pela comunidade da região. "A única coisa que o pessoal não entende direito é a opção pelo celibato", diz ele. Seu prestígio pode ser medido pela missa do Domingo de Ramos: a igreja estava lotada. Mas havia poucos homens jovens e o padre sabe por quê: "É justamente entre este pessoal que a dependência do álcool é forte", diz.

Para os militares, a admissão de índios traz vantagens. Sai mais barato do que trazer tropas de outros estados, gera uma imagem positiva entre os indígenas e dá ao Exército a chance de ter na força pessoas que conhecem tudo da floresta. "Esse pessoal some no mato, aparece, desaparece de novo. É inacreditável", diz o comandante do 5º Batalhão de Infantaria de Selva de São Gabriel, coronel Humberto Madeira Mascarenhas.

Dos 1.200 homens sob seu comando, 90% são índios. Como o Marino Fontes, 19 anos, filho de pai baniwa com mãe desani, que ganha um salário mínimo mensal no primeiro ano de recruta. Se for aprovado durante este período, assina contrato de dois anos, com remuneração de R$ 600. "Eu quero seguir carreira", diz ele, que em baniwa se chama Itzapewa ("homem forte"). (LR)